ANNO 10.° | Sexta-feira, 23 de Março de 1917 | (AVENÇA) | Numero 465

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

A NOVA RUSSIA

—(*)—

Do despotismo de seculos, das atrocidades, das violencias, de toda a casta de abusos e especialmente de traições, a Patria, que os miseraveis encravavam nas maquinações germanofilas com o sacrificio inutil de milhares de filhos do povo, imolados infamemente nos campos da batalha, resultou a grande, a pavorosa revolução que deu em terra com a autocracia czarina que uma burguezia reaccionaria completava da maneira mais aviltante e indigna.

O czar, embalado ou enganado pela côrte que o rodeava, deixou-se arrastar pelas falsas medidas apresentadas pelos germanofilos e inimigos da Patria, assinando vários *rescritos* que não eram mais do que medidas violentas e impopulares, pois chegou até a ordenar o adiamento da Duma, apezar de quanto lhe fôra dito em contrario pelo proprio irmão e outras figuras de valor na politica e no exercito, que mostraram de sobejo o gráve risco que corria a dinastia com a execução de tal medida.

Apezar de tres anos de guerra, o imperio lutava com as mesmas deficiencias que ao iniciar-se essa tremendissima luta.

A burocracia irresponsavel continuava a levantar irremoviveis obstaculos ao trabalho patriotico do parlamento. Este votava créditos necessarios ao exercito e á marinha; a burocracia gastava-os, mas não consentia a menor fiscalisação sobre essas despezas. E assim se ia paralisando e inutilisando o esforço do exercito que se bate valentemente na longa linha de combate. Foi por isso que no ano findo esse mesmo exercito, que esteve nos Carpatos, se viu forçado a voltar para traz e a Romenia ficou entregue ao seu proprio esforço, chegando tarde e a más horas as diminutas forças que foram em seu auxilio. Certamente o estado maior alemão deveria estar seguro das traidoras combinações entre o seu concidadão, que sendo reconhecido como agente alemão, em Petrogrado, fôra feito contudo secretario do presidente do conselho de ministros russo, o famoso Strumer!

O povo cançou-se, horrorisou-se deante de tanto crime.

O testemunho insuspeito do gran duque Nicolau, comandante em chefe do exercito, póde atestar até onde foram os resultados das constantes traições que se refletiam desastradamente nos heroicos soldados, dos quais um dos mais autorisados jornaes alemães *Berliner-Tageblatt*, reconhecendo esse facto, escrevia que se a Russia continuava lutando, era porque o exercito tinha conseguido tornar-se independente da burocracia germanofila e constituir na frente da batalha uma especie de compartimento estanque, fechado ás influencias dos burocratas, partidarios duma paz separada.

Enquanto a imperatriz, alemã de origem, se rodeava duma camarilha suspeita, que o célebre padre Raspertine, assassinado ha pouco em circunstancias misteriosas, executor dos planos de mandatarios ocultos, dirigia com astucia; enquanto vários governadores militares entregavam as suas praças aos alemães e o ministro da guerra Sukhomilnoff se recusava a comprar armas e munições no estrangeiro, desorganisando propositadamente a produção nacional desses artigos; enquanto Myssodauff, membro do estado maior, avisava o inimigo dos movimentos resolvidos ao mesmo tempo que Remenkampf chegava sempre tarpe, facultando o esmagamento dos seus camaradas ou esterilisando as victorias já conseguidas, como em Lodz; enquanto as victorias do inimigo tinham sempre o caminho aberto por uma traição, os heroicos filhos das *steppes* chegavam a pelejar com cajados nas mãos contra os alemães bem armados e melhor municiados!

Faltando tudo ao exercito, preparavam-se os traidores para lhe cercearem os alimentos e apezar das garantias ministeriaes feitas aos membros da Duma, que contra tal reclamavam, o govêrno respondia ás justissimas e sagradas reclamações dos representantes da nação com o adiamento dos seus trabalhos e a proibição da venda de jornaes.

Levadas as cousas a este extremo, foi solto o grito de revolta e a ela aderiu o exercito, a marinha, povo, a nação inteira que sacudiu do interior os inimigos mancomunados com os vis traidores. Nicolau II abdicou em seu filho, ficando, como regente, o principe Miguel, irmão daquele.

Está, porêm, muito nebuloso o resultado definitivo da revolução sob o ponto de vista do regimen a estabelecer.

De que a revolução foi de um alcance extraordinario, não só para a libertação do povo russo como para os efeitos da guerra relativamente á decidida atitude do colosso moscóvita contra os imperios centraes, bastará citar a opinião dum publicista estrangeiro, mal chegaram os primeiros rebates do grande acontecimento: a victoria que a Russia obtiver sobre os seus inimigos que estão dentro de fronteiras, terá maior alcance do que todos os triunfos do general Brussilopp, general em chefe do exercito russo em campanha.

Assim sucedeu, felizmente, e além desse triunfo, que alegra todos quantos acompanham a Russia nas suas aspirações liberaes e na luta contra o inimigo comum, outros certamente hão-de surgir que sejam uma garantia para o futuro e para a honra da grande nação, que continuará, livre de peias, fiel ao pacto que a une indissoluvelmente aos aliados, dando todo o seu esforço para assegurar com eles o respeito pelo Direito e pela Justiça.

REGISTO CIVIL

Fervilham os empenhos para o preenchimento da vaga aberta na conservatoria de Aveiro, recaindo, porêm, no sr. dr. André dos Reis, um dos chefes do partido evolucionista do concelho, todas as probabilidades de ser o nomeado.

Isto, é claro, caso o sr. Encarnação se não oponha, invocando a sua qualidade de amanuense do govêrno civil, secretario da Estatistica, administrador do concelho, comissario de policia, membro da comissão de censura, sindicante em Anadia, concorrente ao logar de chefe de secretaria da Junta Geral, fóra o resto, porque então será ele o preferido como o homem da situação, imprescindivel, indispensavel...

Duvidam? Ou o sr. Governador Civil não esteja empenhado, com tantos exemplos de imoralidade politica, pôr em cheque o regimen e o partido democratico, que tão mal serve neste distrito.

Pela imprensa

—(*)—

"Distrito de Aveiro,,

A este colega local, orgão semanal do partido evolucionista, enviâmos calorosas felicitações pela entrada no seu segundo ano de existencia sob a direcção do esclarecido advogado e nosso particular amigo, dr. André dos Reis.

Que muitos mais conte é o que sincéramente lhe apetecemos.

"Noticias de Cantanhede,,

Completou tambem sete anos o *Noticias de Cantanhede* de que é director, proprietario e editor o sr. Francisco Reis da Silva Magalhães, bom amigo e dedicado republicano.

Cumprimentâmo-lo.

"O Oceano,,

Recebemos o primeiro numero dum novo semanário assim intitulado e que se propõe defender os interesses do concelho de Espinho, onde se publica.

Dâmos-lhe as bôas vindas.

Um fiasco

—(*)—

Tem constituido esta semana o assunto obrigado de todas as conversas a triste figura que o snr. Barbosa de Magalhães fez no teatro, orando a proposito da nossa intervenção na guerra.

Com efeito, para quem julgava o *talentoso* jurisconsulto pelos elogios que o jornal da familia lhe costuma aplicar sempre que se lhe oferece ensejo, a decepção não podia ser mais completa.

Mas o snr. Barbosa de Magalhães revelou-se tal qual é e ainda bem que o fez em publico e raso para que não possam subsistir duvidas acerca do seu *grande talento*.

O discurso que nos veio impingir na segunda-feira celebrisou-o. Não mais se apagará da memoria dos aveirenses porque são das taes coisas que ficam, perduram e não esquecem. Aquela dos soldados *que partiam com os olhos rasos de lagrimas como num dia de sol a chover*, vale uma epopeia. Parece impossivel, sr. Barbosa de Magalhães. E é V. Ex.ª *abalisado* jurisconsulto, professor duma Universidade, parlamentar e *leader* dum partido politico! E já foi ministro!!!

Extraordinaria capacidade!

Todavia nunca se viu um *ilustre homem publico* estender-se tão razamente, produzir um discurso tão falho de ideias, de sentimento, de logica e... de gramatica. Uma vergonha, snr. Barbosa de Magalhães, uma vergonha. Mas o peor ainda não foi o estadeiro que V. Ex.ª veio [illegible] enfiado na sua casaca e de monoculo ao canto do olho, que diz muita chança e pouco espirito. O peor é que todas as asneiras que profére comprometem o regimen. O regimen que o aprôveitou para ministro, que fez de V. Ex.ª professor, que o guindou a *leader* dum partido dentro do Parlamento e que portanto se julga com direito a exigir de quem o serve obras que o honrem, que o elevem, que o nobilitem. E o sr. Barbosa de Magalhães nem o honrou, nem o elevou, nem o nobilitou, antes o aviltou, deixando transparecer a sua mediocridade que, se para alguns já se tinha patenteado, para outros era ainda uma duvida, mostrando-se agora em toda a sua plenitude.

Para cumulo só esperâmos vêr ámanhã o orgão *Camaleão* dos célebres *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos* da Vera-Cruz coroar com os costumados elogios o fiasco do balofo parlamentar que aí veio pôr uma nota de tão acentuada tristeza nos patrioticos festejos do Recreio Artistico, como alguns amigos do infeliz orador são os proprios a reconhecer.

Ah! que se não fôsse a Republica muita nulidade ficava no pó do esquecimento...

* * *

A proposito, recebemos este postal:

Aveiro, 20.

Caro Arnaldo

A'parte a moralidade do rifão —quem dá o que tem não é mais obrigado—de bôa vontade dava o pouco que possuo para vêr a cara do snr. Afonso Costa, no teatro, extasiado, a ouvir o verbo inspirado e inegualavel do nosso Labori, que é como quem diz do ilustre homem publico Barbosa de Magalhães.

Acabaram-se as lendas!!!
Um descalabro assim...
Safa diabo...

Um espectador

Diz tudo, o *espectador*, em poucas palavras.

A Primavera

Ei-la de volta e com ela todos os encantos, todas as delicias do gorgeio das avesinhas nos prados ao florir do arvoredo, que desta época em deante começa a apresentar as suas galas surpreendentes, maravilhosas, arrebatadoras.

As andorinhas voltaram á posse dos seus antigos ninhos, e os campos, banhados de sol, o sol benéfico e acariciador, principiam a movimentar-se. Ha vida, ha sorrisos, ha esperanças. Vida que anima, sorrisos que enlevam, esperanças que seduzem.

Caminhemos. Com a Primavera de 1917, acreditâmo-lo, hade surgir uma nova aurora de redenção em que não só a Naturêsa refulja, mas a Liberdade triunfe nos campos de batalha onde já irmãos nossos expõem o peito ás balas de fronte serena, cheios de audacia, valorosos e confiantes.

Bem vinda seja!

Outra vez

—(*)—

O *Distrito de Aveiro* lá voltou com nova catilinaria do célebre padre... de Vizeu, quasi tão célebre como o imortal deputado por Leiria, seu correligionario, por onde se conclue que o conego sempre se propõe passar á posteridade com as *elogiosas e merecidas referencias* que tanto lhe quadra vêr em letra de fôrma no jornal desta cidade, que o tolerou, agasalhou e não o seringou por motivos que só Deus sabe e o Diabo não desconhece...

Padre Gomes: deixe-se de cerimonias. Mande o retrato se quer...

Kultur

A invasão da Belgica

DINANT

Mas continuemos:

As manifestações da *Kultur* alemã em todos os ramos da sua maquiabelica actividade, sucedem-se ininterruptamente numa febre de desespero e de loucura, dia a dia mais carateristicas e mais claras, dando bem a medida do estado de alma de um povo, que tendo feito um culto dos principios de destruição que melhor lhe servissem para aniquilar todos os que por ventura e desgraça lhe projectassem no caminho a sombra da sua civilisação e do seu progresso, se vê por fim, manietada, algemada, se sente asfixiar na propria maquina infernal que preparára para os seus adversarios.

Jámais poderão registar os anais da humanidade, maior libélo acusatorio, mais colossal sucessão de crimes do que os que o mundo um dia poderá lêr quando a luz da historia se projectar inexoravel e acusadora sobre a horrorosa serie de crimes que o... *mais civilisado dos póvos* tem perpetrado para fazer a guerra no seculo XX, depois das convenções de Haya e de Verne que estabeleceram como principio sagrado a respeitar universalmente, que *a guerra não tem por fim destruir, matar, mas apenas pôr o adversario fóra de combate.*

A lealdade com que os plenipotenciarios da Alemanha assinaram os dois célebres tratados que foram considerados como duas das mais gloriosas conquistas da humanidade no caminho do direito, veio mostra-la bem pouco tempo volvido a guerra atual, onde a odiosa Confederação do Rheno entrou com o descáro cinico da sua famosa declaração:

Tratados são farrapos de papel e a Alemanha só reconhece os que subscreve com a sua espada!

A alma lamacenta, o caracter miseravelmente vil que tal declaração veio patentear ao mundo em toda a sua hediondez de asqueroso monturo, desmascararam finalmente o povo alemão mostrando-o tal qual é, tirando enfim a prova real á sua proclamada *Kultur*, que na sua baixeza moral, na ausencia de sentimentos, no desconhecimento voluntario da Justiça, na negação do Direito, ofusca inteiramente os processos de Atila e de Breno, nas suas invasões chamadas de barbaros.

Barbaros, eles, quando, no século das luzes, a *Kultur* alemã inventa suplicios para aterrar as populações que submetem, ou pretendem submeter!

Se a historia do barbarismo e da criminalogia regista monstruosidades inconcebiveis, actos de feroz perversidade, nenhuns que se comparem com as infamias dos salteadores fardados que o imperador da Germania, atirou, não como exercito organisado contra um país inimigo, mas como quadrilha de bandoleiros pedindo a bolsa ou a vida ás povoações indefesas que a protecção de exercitos regulares não pôde por desgraça colocar sob a sua guarda.

Tudo que possa julgar-se de mais atroz, de mais horroroso para supliciar os desventurados de Dinant foi inventado pelo espirito indigno dos oficiais do exercito alemão, encontrou abrigo na sua alma perversa, cobrindo de ignominia o exercito, que assim se atolou de oprobrio e de vergonha, marcando com o ferrete da desonra o país que tal gente educou.

* * *

Dinant foi talvez a mais desventurada cidade da desditosa e nobre Belgica, aquela onde os soldados alemães —que de soldados só o nome teem—cometeram crimes mais hediondos, exerceram vinganças mais ferozes, onde tripudiaram mais bestialmente, saciando nos desmandos da ferocidade sanguinaria e sensual, a sêde de vingança que dos revezes anteriores lhes acordou a formidavel derrota que a dentro dos seus muros lhes infligiu o exercito francês que acudira presuroso ao apêlo de socorro desse povo incomparavel.

A 15 de Agosto, os prussianos foram pela primeira vez expulsos de Dinant por uma divisão de couraceiros e dragões que, a marchas forçadas, se dirigia em socorro de Liége.

Era tarde, porêm.

Liége estava em poder dos alemães e a divisão retirou ocupando Dinant.

A 21, á tarde, o exercito da *Kultur* apresentava-se de novo deante de Dinant em grande força, retirando os francêses para a outra margem do Mosa.

Começava o martirio, começava a vingança.

Dinant tinha recebido de braços abertos os francêses que [illegible] dias antes a socorreram e tinha de pagar cáro essa ostensiva prova de simpatia pela França.

A cidade estava desocupada; os francêses tinham retirado, mas era necessario impôr á população as excelencias da *Kultur*: foi bombardeada!

Seguidamente, de manhã, entraram os alemães em automoveis blindados e armados de duas metralhadoras cadà um.

Conforme avançavam pelas ruas iam disparando para ambos os lados especialmente para as janélas das casas do rez do chão.

Tão *nobres* combatentes assassinavam assim num sistema de ataque á altura do caracter dos atacantes, muitos dos indefesos habitantes de Dinant, nos proprios leitos.

Ocupada a cidade, foram logo aprisionadas 500 pessoas indistintamente: homens doentes, velhos, mulheres e creanças!

Para saciar a sua sanha e cevar os seus instintos de selvageria, tudo lhes servia.

Nos arredores de Dinant sucedia o mesmo. Em Auresaume, Leffe e Neffe foram presos 800 desgraçados e fusilados imediatamente em processo sumario. Os 500 de Dinant foram encerrados na abadia de Premonteuse, e aí os *cavalheirosos* oficiais do exercito do kaiser entretinham os seus ocios de biltres a preparar scenas de terror para os seus prisioneiros.

Todas as manhãs os desventurados eram acordados—se é que em tal situação conseguiam conciliar o somno—e mandados formar no claustro ou na cêrca para serem fusilados e, depois de os fazerem esperar entre gritos lancinantes, entre soluços de desespero na despedida dos que eram paes, filhos, esposas e irmãos que se estreitavam uns aos outros, no ultimo abraço, no ultimo beijo, os brilhantes e nobilissimos comandantes da horda, vinham então declarar, entre gargalhadas, que tinha chegado ordem de perdão.

No dia seguinte a scena repetia-se entre a galhofa desses carrascos militarisados que buscavam os motivos da sua infernal alegria, entre as lagrimas e os sofrimentos dos seus semelhantes. A tão angustiosos momentos de pavor não resiste a alma delicada de uma mulher amparada num corpo egualmente delicado e debil.

Algumas enlouqueceram, outras—quatro—que se encontravam em adeantado estado de gravidez, deram á luz ali mesmo deante dos canos das espingardas erguidos para elas na esfingica atitude ou de uma palhaçada a mais dessa fracção do exercito da *Kultur*, ou de uma tragedia horrorósa, cuja mutação de scenario dependia apenas dum gesto, de um momento de bôa ou má disposição desses *thugs* do ocidente.

Um dia a tragicomedia repetiu-se, mas então puzeram a um lado os homens e a outro lado, em angulo recto, as mulheres. Eram 153 os separados.

As mesmas scenas, as mesmas vozes de comando, as mesmas armas carregadas, apontadas...

Mas quando todos esses infelizes esperavam vêr aparecer mais uma vez, pelo habito, o oficial palhaço, que concluia a odiosa scena com a ordem de reservar o fusilamento para o dia seguinte, a voz de fogo partiu seca, serena, fria, automatica e os 153 desgraçados caíram banhados em sangue, ao mesmo tempo gue ao estrondo da descarga se misturava o alarido angustioso e dolorido das pobres mulheres, dos velhos, das creanças a quem num requinte de inegualavel crueldade prepararam por tão maquiavelica fórma a surpreza do assassinato dos esposos, dos filhos, dos paes, dos irmãos.

Mas não terminára a infamia.

Dentre esses desgraçados alguns estorciam-se apenas feridos e seis caíram arrastados na queda pelos seus companheiros mortos.

Avançando até proximo dos corpos inanimados, a féra agaloada exclamou:

— Os que vivem estão perdoados!

Imediatamente se levantam estes e alguns dos feridos que puderam fazê-lo.

Oh triste ilusão dos que julgaram um pouco do sentimento da honra, da generosidade, da grandeza de alma nos bandidos do imperador Guilherme!

Correm uns, arrastam-se outros para as pobres mulheres que arrancam, loucas, sufocadas de lagrimas, para eles, para os poucos que um milagre salvára e, quando julgam poder estrêitar contra os seios a estalar de dôr os pobres que se julgavam salvos, ou ir recolher o ultimo suspiro dos que se arrastavam quasi moribundos, para terem ao menos a dita de morrerem com a cabeça encostada a um peito amigo, a voz de *fôgo!* sôa novamente e os tristes iludidos cáem tambem para sempre como os seus companheiros de infortunio!

Ha aí quem possa descobrir almas mais vis, capazes de mais hediondas atrocidades do que as perpetradas pelos soldados alemães na Belgica e especialmente em Dinant?

Se a farda de soldado é para as nações que acima de tudo colocam a honra do seu nome, um emblema de nobreza, um motivo de orgulho, que o proprio brio, que a propria dignidade, que o proprio pudor profissional não permite manchar com actos de degradação moral ou sequer civil, no exercito alemão o uniforme do soldado é o stigma vil do assassino, do salteador, do violador de profissão a quem nem lagrimas, nem soluços, nem as preces de uma mulher indefeza são capazes de mover a alma de granito.

* * *

Só tres dias depois os soldados teutonicos consentiram que as desventuradas mulheres se aproximassem do monte de cadaveres em procura dos entes que lhes foram queridos.

Durante este tempo, sem comerem, sem dormirem, ao relento da noite e ao sol abrazador de agosto, as tristes não arredaram pé dali, na esperança de que as deixassem depôr o ultimo beijo nas carnes já putrefactas dos que amaram e eram poucas horas antes toda a sua ventura, toda a sua vida.

As 153 vitimas foram ali mesmo enterradas, no logar do suplicio, sob as lagrimas de todas e sob o olhar indiferente, esgazeado, imbecil de muitas que não puderam resistir a tanta atrocidade, e mergulharam por fim o resto da existencia feliz, na noite pavorosa da loucara.

Ao acabar a ultima scena do sangrento e barbaro drama, quando a ultima pá de terra se estendeu na vala que recebera os cadaveres dos pobres dinantenses, a besta-féra, alçando a pata sobre o monticulo da cova, teve ainda este cinico sarcasmo para as infelizes que nem forças tinham para abandonar o logar onde lhes ficava toda a sua alma, toda a luz da existencia, toda a razão da sua vida:

— Minhas senhoras! Está cumprido o meu dever!

* * *

Entretanto, na desgraçada cidade tripudiava em ancias de ferocidade, de depravação e de luxuria o resto da horda.

Começára o saque e o santo e senha dos hunos; era sómente: a bolsa, a vida e a honra.

No Banco Henri, o director e um filho foram mortos a tiros de revolver por um oficial alemão a quem negaram declarar onde se encontrava a caixa forte.

M. Poncelet, negociante estimadissimo em Dinant, querendo saír da cidade com sua esposa e seis filhos menores, foi agarrado com a familia e mandados fusilar acto continuo!

A um momento de vacilação dos soldados deante de tal monstruosidade, respondeu o oficial que os comandava, rebentando a cabeça a tiros de pistola ao infeliz negociante, deante da esposa e dos filhinhos aterrados.

M. Himers, pelo mesmo motivo foi fusilado deante da esposa que o acompanhava.

Fugindo a tanto horror, umas vinte mulheres e creanças conseguiram saír da cidade, escondendo-se debaixo dum pontãosito ao sentirem o tropel de uma força em marcha.

Desgraçado refugio!

Já a distancia, numa volta da estrada, alguem da força viu o grupo e o *brilhante* oficial que a comandava, entendendo que aquele era para ele o momento de uma heroicidade que deante dos regimentos belgas ou francêses não podia tão facilmente cometer, mandou assestar-lhes uma metralhadora que em alguns segundos reduziu o desventurado grupo a um montão de cadaveres.

E os estupros de creanças e as mulheres violadas e as infamias sobre elas cometidas, os ultrages, os actos de sadismo desse exercito de bandidos sobre as desventuradas moças de Dinant?

— E' preferivel calar sobre a conducta dos soldados e os atropelos dos que as fizeram victimas—diz Blasco Ibañes na sua monumental *Historia da Guerra de 1914*.

* * *

Eis o que é a Kultur alemã. Eis a que extremos de violencia, de imoralidade, de barbarismo, de arbitrio desceu o exercito de uma nação que se proclamava de mais adiantada civilisação, a mais brilhante pelos seus progressos scientificos, pelas suas manifestações artisticas, literarias e militares!

Tal civilisação feita apenas da aparencia das formulas, da rigidez das leis e da severidade da disciplina, não é garantia da segurança da humanidade que precisa ter na sua educação o respeito pela Justiça, o amor pela Verdade, o sentimento do Direito e a cultura dos sentimentos da Generosidade, da Nobreza, do Cavalheirismo, principios estes que a Alemanha declarara reconhecer nas convenções de Haya e de Berne e a que aleivosa e deshonrosamente faltou, desmascarando a perfidia dos seus sentimentos desde o primeiro dia de luta.

A Alemanha é, pois, um perigo, uma ameaça para a Europa, como Cartago o foi para Roma.

Estabeleçâmos então para aquela o mesmo estigma que Catão estabeleceu para esta:

— Delenda Germania.

Humberto Beça

O NOSSO ANIVERSARIO

PALAVRAS AMIGAS E DE SOLIDARIEDADE

Do *Radical*, de Oliveira de Azemeis:

"O Democrata,,

Entrou no 10.º ano da sua publicação este vigoroso semanário republicano radical de Aveiro, de que é director o nosso velho amigo Arnaldo Ribeiro.

As nossas saudações.

De *O Domingo*, de Aldegalega:

"O Democrata,,

Com o n.º 461 entrou no 10.º ano de publicação este nosso presado confrade, semanário republicano radical de Aveiro, um dos melhores jornaes da provincia.

Felicitando-o, desejâmos-lhe longa e desafogada vida.

De *O Português*, da Guarda:

"O Democrata,,

Conta mais um ano de existencia este vigoroso combatente, que vê a luz da publicidade em Aveiro e que, pelo brilho e elevação mental e moral dos seus apreciados artigos, faz honra á imprensa republicana do país.

O Português sauda o com enternecido afecto.

De *O Jornal de Estarreja*:

"O Democrata,,

Entrou no 10.º ano de publicação este bem redigido semanário republicano de Aveiro, do qual é ilustrado redactor e director o sr. Arnaldo Ribeiro, bemquisto farmaceutico daquela cidade. As nossas felicitações e que muitos mais conte *O Democrata*.

Do *Correio de Vagos*:

"Pela imprensa,,

Felicitâmos muito cordealmente o nosso coléga de Aveiro, *O Democrata*, pelo seu aniversário, desejando-lhe a continuação das suas prosperidades.

Da *Democracia do Sul*, de Montemór-o-Novo:

"O Democrata,,

Mais um ano de existencia conta este nosso presado coléga de Aveiro, que, ha 10 anos propaga a Ideia Republicana com muita fé e desassombro.

Felicitâmo-lo sinceramente.

De *O Desforço*, de Fafe:

"O Democrata,,

Arnaldo Ribeiro, um grande republicano, intrepido e inteligente, desses republicanos de sempre, brioso, honrado, que, como muitos outros, a paga que tem tido do seu arduo trabalho é a ingratidão, sofrendo perseguições, está á frente de um distinctissimo coléga que dirige com proficiência: esse coléga tão distincto quanto destemido é *O Democrata* que, na Republica, tem passado por diversas vicissitudes, sem desanimo, caminhando direito e intransigente; e assim entrou no 10.º ano de existenccia, pelo que vivamente o saudâmos.

De *O Povo de Anadia*:

"O Democrata,,

Com o n.º 461 entrou este intemerato coléga, que se publica em Aveiro, no 10.º ano de publicação, pelo que o felicitâmos, enviando um apertado abraço ao seu director e nosso amigo, Arnaldo Ribeiro.

A AURORA DO GRANDE DIA

Diz o correspondente de Roma para o *Heraldo de Madrid*:

Aproxima-se a aurora do grande dia, escura e fria para o abjecto militarismo da Alemanha, disfana e risonha para a causa dos aliados.

Por fim, a Morte, cançada de recolher carne destroçada pela metralha, pedirá contas aos soldados da morte, a esses bandidos que adornam os seus capacetes com caveiras e ossos; a esses sórdidos primitivos que prostituiram o encanto da vida e desejariam monopolisar o céu!

Cantaram o seu lamentavel canto de odio sobre os formosos campos da França e da Belgica, que converteram em ossários horriveis.

Reduziram a Belgica á mais vergonhosa escravidão e semearam de inocentes cadaveres os mares.

Agora, saciados de sangue e de rapina, receando a corda do verdugo, pedem paz, uma paz traiçoeira, fundada em um *statu quo ante bellum*, vago e perigoso, de que surgiriam novas catastrofes.

Ainda não se esqueceram o crime do *Lusitania* nem os assassinatos de Miss Cawell e do capitão Fryatt.

A humanidade tem sofrido tanto que seria criminosa loucura aceitar uma paz duvidosa.

A Inglaterra combate pela liberdade, para vencer.

Aproxima-se a hora do grande dia.

Firminada

Em Espozende, o presidente do respectivo municipio consentiu que um dos vereadores propozesse, em sessão magna convocada para esse fim, que a qualquer largo da vila fôsse posto o seu nome, e assim ficou resolvido desde logo que se apeasse o nome do ilustre filho daquela terra, Antonio Rodrigues Sampaio, para em substituição ser colocado o de Firmino Clementino Loureiro, tal o chamadoiro do homem que dirige o rebanho camarario lá para as bandas do... Cávado.

Concluimos de aqui que os *Firminos* são *todos* isentos de vaidades e de grandêsas, afinando pelo mesmo diapazão de modestia e recolhimento...

Não tivessemos entre nós tão sobejas provas do que afirmâmos...

Em Espozende não quiz o sr. Firmino confrontos com Rodrigues Sampaio; outros ha, porêm, que os queriam com José Estevam se lhes não tivessem batido nas unhas: mãosinhas para baixo, mãosinhas para baixo...

E não houve outro remedio. Os Firminos!...

OUTROS PRETENDENTES

Dum jornal monarquico:

> Real, real, real por
> o Coração de Jesus e
> Imaculada Conceição,
> reis de Portugal!

Mas então como se entende isso? Dar-se-á o caso que D. Manuel esteja tão desiludido que não queira mais saber do treno, mandando ao diabo os seus partidarios?...

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Brito*.

...e segue

O sr. governador civil semeando a discordia

No nosso colega de Oliveira de Azemeis, *O Radical*, n.º 633, de 17 do corrente, lê-se:

Por desinteligencias com o sr. governador civil, pediu a demissão de administrador deste concelho o velho e dedicadissimo republicano, sr. Antonio de Bastos Nunes, valioso elemento do partido republicano português.

Por esse facto, e em harmonia com a lei, tomou ontem conta da administração do concelho o presidente da comissão executiva da câmara municipal, sr. dr. Anibal Balesa,

Devemos esclarecer que essas desinteligencias foram motivadas pela apreensão dum carro de milho que do Pinheiro da Bemposta seguia para Albergaria-a-Velha, sem a competente guia de transito.

O snr. governador civil tomou sobre o assunto resoluções contrarias ao modo de vêr do seu delegado e sem o ter ouvido.

Na segunda-feira passada foi o snr. Antonio de Bastos Nunes ao govêrno civil e aí, em frente do snr. dr. Eugenio Ribeiro, disse o que de incorrecto houve nas ordens que lhe foram dadas, e que não cumpriu, porque não se deviam cumprir na altura em que o conflito já estava, acabando por pedir a demissão do seu cargo.

Talvez tenhâmos de voltar a este assunto para se saber o que determinou o govêrno civil de Aveiro a tomar resoluções atribiliarias, desconsiderando um valoroso republicano que na administração do concelho não terá quem o iguale em serviços prestados ao povo, á Republica e ao partido.

Pois volte, colega, volte e diga tudo. O sr. Eugenio Ribeiro desde que deliberou enterrar o partido democratico do distrito por uma série de dislates que o hão-de imortalisar, não deve, por principio algum, ser poupado. A menos que o *Radical* queira tornar-se convivente na *débacle* que se está operando, como logica consequencia de haverem colocado num logar para o bom desempenho do qual lhe faltam aptidões, o *ilustre* João Semana, de Agueda.

Nova embarcação

Consta-nos que será no domingo posto a navegar o lugre que a parceria maritima ayeirense Cunhas & C.ª mandou construir no estaleiro da Gafanha para ser destinado á pesca do bacalhau.

O novo barco, que nos dizem ser de grandes dimensões, recebeu o nome de *Adília*, devendo o seu lançamento á agua efectuar-se na maré das 17 horas, oficiaes.

BISPADO DE AVEIRO

Por informações particulares, dignas de crédito, o nosso colega lisbonense *A Manhã* sabe que na chancelaria pontificia se estão organisando os *processos* relativos á creação de novos bispados em Portugal, onde a Santa Sé pretende resussitar algumas dessas antigas divisões eclesiasticas, extintas, ainda na vigencia do regimen concordatario.

Os novos bispados a restabelecer serão, ao que parece, os de Leiria, Vila Rial e Aveiro, indigitando-se, já, para ficar á frente do segundo, o actual vigario geral.

E do nosso, quem será o novo bispo de Aveiro?

As festas do Recreio Artistico

O cortejo, a venda da flôr e o sarau

Como fôra anunciado, o *Recreio Artistico* têve este ano a louvavel ideia de transformar as festas do seu aniversário numa comemoração patriotica e ao mesmo tempo util para as familias dos aveirenses que se encontram nos campos de batalha, em França, e assim, pondo em prática a *venda da flôr* por um formoso grupo de gentis tricaninhas da nossa terra, á semilhança da que as damas de Lisboa levaram a efeito com assinalado exito, poude recolher durante o percurso do cortejo de domingo pelas ruas da cidade, a quantia de 268$57, que, com o produto do saráu do dia seguinte, se elevou a perto de 400 escudos.

No cortejo tomaram parte as associações locaes, com os seus estandartes, a academia, os bombeiros, a Câmara, o asilo, centros politicos, o elemento militar, operariado, uma banda de musica e a imprensa, sendo, porêm, notada a falta do sr. governador civil e outros elementos que tinham restrita obrigação de honrar o convite que lhes fôra dirigido, mas que acharam mais digno não se encomodarem, retraindo-se de cooperar numa festa que a todos devia interessar, sem distinção, naturalmente porque ela não têve o cunho aristocratico das grandes solenidades da *élite*, nem o caracter politico que os obrigasse á comparencia como pessoas de reconhecidas convicções...

Pois fiquem sabendo esses que a censura não os poupou, incidindo duramente contra o procedimento dos que primaram pela ausencia, a principiar na autoridade superior do distrito.

Quanto ao saráu, dois numeros, apenas, nos propômos destacar: o concerto musical pelos srs. Fausto Neves, padre Antonio Estevam, Alberto Casimiro, Artur Casimiro, João Aleluia e Manuel Ferreira, que nos deliciaram os ouvidos com trechos dos melhores autores, recolhendo fartas ovações, e a conferencia do inteligente professor do nosso liceu, sr. Agostinho de Souza, que, como sempre, electrisou o publico, que o escutava, arrancando-lhe durante a sua brilhantissima oração os mais francos e entusiasticos aplausos.

Um palido reflexo do que foi esse magistral discurso, que é um verdadeiro hino á Patria saído do coração de quem o produziu:

Disse o sr. Agostinho de Sousa que agradecia a gentileza do convite da Direcção do Recreio Artistico para falar naquele logar e naquela festa de comemoração do 21.º aniversario da fundação dessa colectividade, que quiz reunir ali todas as pessoas a quem o seu progresso e florescimento interessam e, ampliado assim o seu meio habitual e momentaneamente bafejado pela generosa convergencia de tantos espiritos a um fim salutar, alevantado e nobre, recebia alentos, forças e alegrias para novas e beneficas realisações. Que agradecia egualmente o carinhoso acolhimento do publico o qual tomava como uma consagração ao fervor da sua crença de sentimentalista que, prégando a decencia do pensar e do dizer, em meio da sua justa veneração pela benefica e esplendida actividade do espirito humano, como agente de todos os milagres do pensamento e causa viva de todos os resplendores literarios, artisticos e scientificos e, *ipso facto*, de todas as magnificencias sociaes, procurava dentro da missão que a si proprio se impôz, de educador das gerações, e a que, de há 12 anos para cá, vinha votando todo o seu trabalho e carinho, vivificar todos os principios concretos duma vida social próspera, identificados, neste momento anormal que atravessâmos e que bem se podia capitular de historico, no amor consciente da Patria Portuguêsa, que pelo seu passado secular e pelo seu presente esperançoso, nada a deteria de ter um futuro glorioso que não só consubstanciasse em si toda a beleza do nosso ceu e todos os encantos da nossa terra, mas ainda que tornasse instavel o seu equilibrio economico, material e moral, restaurado pela virtude do direito e pela harmonia das leis historicas, hoje mais do que nunca ingloriamente submetidas á lei de sangue e á lei de guerra.

Depois de afirmar tambem o testemunho da sua solidariedade e da sua fraternal saudação ás forças vivas do operariado aveirense, disse que fazia votos que das suas palavras alguma cousa resultasse para o bem dessa laboriosa classe e, por transmissão, para o bem de esta terra que ele, orador, considerava a sua segunda patria, não só porque a ela se prendia a metade da sua alma na amorosa estima da sua esposa ou porque nela sorriu a madrugada louçã, e nela decorre a manhã desanuviada da infancia buliçosa do seu filho, mas ainda porque amava esta terra nas maguas e nas alegrias do seu povo, respirando com ele o mesmo oxigenio na sua atmosfera pura e limpida e nos encantos da sua naturêsa.

Depois de justificar em frases de grande relevo literario que esta era a ditosa patria sua bem amada, disse que neste momento em que a alma portuguêsa se encandece no sentimento da Patria, não queria subordinar a outro têma que não este, o seu discurso. E nesta altura terminou o exordio e entrou no assunto da sua conferencia, recordando que naquele mesmo logar em ocasião tão soléne como aquela, acentuára que a historia marca os crescentes da civilisação e os apogeus do progresso com o ferro da tirania e com a purpura do martirio; e apontando a dôr como o fundo do vasto quadro da vida ou como a regra que conjuga e disciplina todo o figurado do ingente teatro humano, disse que nunca era demais ao menos pensar na legião imensa dos que vivem sem recursos e sem fortuna, sem pão e sem albergue.

Frisou com palavras de mais funda comoção que havia dôres e tragedias em volta de nós, mas que a bondade humana era o supremo remedio para todas as angustias; disse que os gemidos extraordinarios que chegavam até nós do fundo das trincheiras, varridas e socavadas pela metralha, encontravam dedicações inultrapassaveis que os minoravam.

Fez uma calorosa apoteóse de todos os gestos sublimes da caridade e da filantropia com que almas bôas acodem a minorar as desgraças dos seus semilhantes.

Disse que era exiguo o obulo com que as contribuições da festa iam concorrer para aliviar os sofrimentos dos que defendiam os fóros mais sagrados da sua e da nossa existencia, mas, apezar de exiguo, levava consigo a nossa alma, a alma portuguêsa, vibrante das lucilações do mais soléne protesto perante o direito negado, perante a justiça banida, a moral contestada e a consciencia atropelada pela lei da necessidade e da força.

Referiu-se á virtude dos direitos que, na conferencia de Haia e no congresso norte-americano de paz e arbitragem, vai para 10 anos, se definira como corolario legitimo de todos os impulsos éticos e altruistas da fraternidade mundial, acentuando que apezar de ele amar e defender o ideal da Paz, perante as horriveis carnificinas rubras de sangue e de incendios, abafadas pelas cargas dos explosivos de grande termo-quimica potencial que se convencia que não podiamos deixar de ter preparado para a luta o orgão da defêsa nacional, ao qual está confiada a guarda da nossa honra e dos nossos direitos.

Referindo-se á impetuosa torrente que dos pontos centraes da Europa se encapela para subverter a civilisação latina, disse que a alma portuguêsa, na hora soléne do dever, não desmentiu as suas honrosas tradições; mostrou, em frase têrsa e arrebatadora de entusiasmo, que não podia ser mais altivo nem mais ousado o gesto do soldado português. Falou da hora da suprema comoção, da sua partida para os campos de França, onde vae regar o campo de luta com o seu sangue. E depois de evocar os feitos de grande valor militar e guerreiro que enobrecem a historia portuguêsa, fez um patriotico apêlo aos nossos soldados, que por acaso o estivessem escutando naquele logar, com calor e entusiasmo da sua frase sempre quente, recordando-lhes que sobejas provas tinham dado da consciencia da sua energia em mais de um lance arriscadissimo e que por isso continuassem a honrar a Patria, que a Patria os contemplava.

Mostrando ainda que toda a nação prospera e forte assenta sempre na cicatriz de um grande martirio, disse que, deste crear e entravar constante de tantas forças vitaes, surgiria um dia, que não vem longe, a visão nivea da Paz, entoando um hino ao trabalho e derramando a cornucopia abundante de sorrisos e beijos, afectos e abnegações. Que nesse futuro visionava o triunfo da nossa Patria, que não morreria, porque sobre a sua existencia pairava a alma forte e grande, consciente e generosa, dôce e formosa—a alma portuguêsa.

Rematou o seu discurso enviando uma patriotica, entusiastica e reverente saudação a todos os soldados que nos campos de França, com armas na mão, defendem os direitos seculares da tradição e os direitos eternos da humanidade.

As ultimas palavras do conferente, abafadas pelos acordes vibrantes da *Portugueza*, fazem com que a assistencia se manifeste ruidosamente e, de pé, ovacione durante largo espaço de tempo o nosso ilustre amigo, que assim continua a distinguir-se no meio intelectual aveirense não só como abalisado professor, mas tambem como um dos mais esclarecidos espiritos da atual geração.

A' Sociedade *Recreio Artistico* reiterâmos as nossas saudações, congratulando-nos com o exito obtido pela sua patriotica iniciativa.

Muito bem, muito bem.

Notas mundanas

Fez no domingo anos o dedicado republicano sr. Alvaro Mineiro, que desde a fundação de A Manhã *tem sido um incançavel cooperador do importante diário lisbonense.*

Felicitâmo-lo.

✠ *Tambem os faz hoje a estremosa esposa do nosso conterraneo e amigo. sr. David Bernardo, digno chefe da estação do caminho de ferro de Alcantara-terra.*

Muitos parabens.

✠ *Estiveram esta semana em Aveiro os srs. dr. Manuel Marques Vidal, de Pedações; dr. Fernando Baptista, d'Agueda; Joaquim e Manuel Francisco Braz, da Povoa de Valado e dr. Artur Figueira, de Estarreja.*

✠ *Tem passado estes dias um tanto encomodado o nosso estimavel amigo e distinto medico municipal com residencia na Costa de Valado, sr. dr. Abilio Marques, por cujas melhoras fazemos votos.*

✠ *Deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do sr. Manuel Luiz Ferreira de Abreu, proprietario do Cisne da Arcada.*

✠ *Esteve em Aveiro, vindo de Lisboa e de passagem para Valença do Minho, o aspirante a oficial, sr. Alberto José da Fonseca, que foi colocado no 8.º grupo de metralhadoras.*

FEIRA DE MARÇO

Para este mercado anual que se inicia depois de ámanhã no campo do Rocio teem chegado a maior parte dos negociantes que a ele costumam concorrer com os seus produtos e que fazem os preparativos para a abertura das suas barracas.

Fabrica da Fonte Nova

Sabemos que vai dentro em bréve passar por uma radical transformação, tendente a aformosea-lo, como merece, este antigo estabelecimento fabril, hoje propriedade dos nossos amigos, srs. Manuel Pedro da Conceição e Manuel Tomaz Vieira.

A Fabrica da Fonte Nova, que continua a produzir diariamente grande quantidade de louça para uzo domestico, é aquela donde teem saído os soberbos *panneaux* decorativos que se ostentam em quasi todas as principaes estações do caminho de ferro e onde se encontram sempre objectos que pela sua perfeição quer em acabamento quer em pintura, se tornam dignos de ser adquiridos pelo publico de bom gosto, apreciador das belas artes.

Na devida oportunidade nos referiremos mais de espaço á obra preparada pelos dois activos industriaes acima citados e cuja iniciativa desde já nos apressâmos a louvar.

Operarios para França

Participa-nos o sr. Angelo Moga que abriu nesta cidade, á rua do Gravito, n.º 42, uma agencia do Sub-secretariado de Estado da Artilharia e das Munições Francez, para o fim de contratar operarios trabalhadores que queiram ir exercer lá fóra a sua actividade, mediante condições.

Agradecemos a deferencia.

Data triste

Passando a 27 do corrente o primeiro aniversário do falecimento da nossa conterranea sr.ª D. Maria d'Apresentação Lé de Oliveira, tão prematuramente roubada ao convivio de seu marido, o digno empregado da Imprensa Nacional de Lisboa, sr. Adolfo Marques de Oliveira, o *Democrata* distribuirá nesse dia por 30 dos seus pobres, e a pedido do desolado viuvo, a quantia de 4$50 com que ele deseja comemorar, em substituição de qualquer oficio religioso, a lugubre data.

Bem haja, agradecendo nós desde já em nome dos que vão ser contemplados, e cuja relação publicaremos no proximo numero, a generosa dádiva do sr. Marques de Oliveira.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

NECROLOGIA

Dr. Alfredo Nobre

Junto de sua velha mãe, que ele tanto estremecia e em quem tantas vezes nos falava, enaltecendo-lhe a bondade, a ternura, o afecto, junto de sua velha mãe, diziamos, Alfredo Nobre, que conhecemos ha muitos anos frequentando o liceu de Aveiro, que mais tarde encontrámos na Universidade de Coimbra e que por fim voltou a residir nesta cidade durante o tempo que se poude manter no logar de Conservador do Registo Civil para que fôra nomeado logo depois de promulgada a lei de separação da igreja do Estado, acaba de exalar o derradeiro alento—tal a noticia que, de chofre, caiu no sábado sobre a nossa mêsa de trabalho e que hoje transmitimos aos nossos leitores, verdadeiramente contristados ante o fatal acontecimento que acaba de enlutar uma das mais respeitaveis familias do concelho de Tábua.

Pobre Alfredo Nobre! Infeliz amigo!

E' mais um bom que desaparece, pertencente ao numero dos homens de caracter e de consideração, com registo no nosso escrinio. Lembrávamo nos dele vezes a miudo e nunca do seu retiro de Candosa chegavam informes sobre a marcha da doença que o obrigou a ausentar-se de Aveiro que não acorressemos ao seu encontro, esperançados ainda numa possivel cura para o mal que o afligia, que o torturava e que por fim lhe arrancou a vida, privando-nos para todo o sempre da sua convivencia, da sua amizade, da sua companhia.

O destino é assim. E pois que o seu poder é grande, é omnipotente, curvemo-nos, deixemos passar a caminho da eternidade o corpo inerte do malogrado amigo, que, neste desabrochar de primavera, tombou, exausto de forças para continuar a existencia, por tantos titulos preciosa, junto daquela que lhe deu o ser e que a esta hora—calculâmos—chora, banhada em lagrimas, com o coração dilacerado pela dôr, a perda do filho amantissimo, tão permaturamente roubado ao seu carinho, ao seu enlevo, á sua afeição.

Senhora D. Ana Corrêa Nobre: o *Democrata* acompanha V. Ex.ª, e toda a ilustre familia do desditoso Alfredo, no justo sentimento que a alanceia e do qual compartilha, espargindo-lhe na campa flôres mimosas de eterna saudade.

* *

No Porto finou-se tambem o prestimoso e velho republicano Silva Doria, assaz conhecido pelos seus inumeros serviços prestados, de longa data, á Democracia. Tinha 63 anos e andando envolvido desde muito novo nos trabalhos de propaganda liberal, póde-se dizer que, no norte, foi um dos cidadãos que mais contribuiu para a expanção das ideias avançadas.

O funeral efectuou-se civilmente, tendo-se encorporado nele todos os gremios republicanos e da maçonaria, que egualmente o contava dentro do seu seio.

* *

Em Lisboa, onde atualmente residia, faleceu ante-ontem a sr.ª D. Maria Elisa da Cunha Rodrigues, estremosa mãe dos nossos presados amigos srs. drs. Rodrigo Rodrigues, ex-governador civil deste distrito, Avelino Rodrigues, Da-

Sobre o Regulamento da Ria de Aveiro

—(*)—

Como temos dito, recebemos do sr. Antonio Maria Valente de Almeida, residente em Lisboa, uma extensa carta, a que só hoje nos é possivel responder, significando-lhe em primeiro logar quanta extranhêsa nos causa vêr um republicano da velha guarda transviado do bom caminho, ou seja do caminho da logica, da Justiça, do Direito e da Razão.

O sr. Valente de Almeida, como republicano, devia saber que o novo regimen não póde nem deve ser a continuação do passado. Antigamente as leis faziam-se, mas não se cumpriam, ou antes, cumpriam se ao sabor dos politicos. Estava nesses casos o Regulamento da Ria, que não é de hoje nem é de ontem, mas sim de ha muito e que foi decretado para coibir os abusos dos pescadores e moliceiros, de que quasi toda a imprensa distrital se fez éco, pedindo, num côro unisono, constantes providencias aos poderes publicos para que fôsse exercida rigorosa fiscalisação tendente a acabar com eles e a dispôr as coisas por fórma a livrar a fauna e a flora da ria dos selvagens, que nada respeitando, iam dia a dia, pelos seus maus procéssos e artes de tirar do fundo das aguas os produtos que elas conteem, cavando a sua propria ruina.

A Republica proclamada, principiou por prestar ao nosso vastissimo estuario um dos mais altos serviços que era licito esperar dos seus dirigentes, pois não só obstou a que continuasse esse estado anarquico, verdadeiramente intoleravel, como o classificavam os jornaes que se referiam aos desmandos dos pescadores e moliceiros, como fez estudar convenientemente o assunto, estudo de que saiu um relatorio, que naturalmente o sr. Valente de Almeida não leu nem conhece, e que é considerado, pelos tecnicos, uma verdadeira obra prima, e mais tarde a respectiva legislação da ria, tão necessaria como util, tão indispensavel como vantajosa porque impede o descalabro, o infortunio, a miséria, a ruina.

Não quer o sr. Valente de Almeida como não querem outros que assim seja e protestam então contra o Regulamento, chamando-lhe nomes feios, e atiram-se ao sr. capitão do porto, que é um homem sabedor, recto e estudioso, de todas as fórmas e maneiras, tendo por unico objectivo desfazer uma obra que custou muito trabalho, muita aplicação e muito dinheiro. Com o devido respeito, sr. Valente de Almeida, mas isso não é de republicano. Ha questões que, por complicadas, se devem deixar aos tecnicos e só a eles o pronunciarem-se conforme as conclusões a que chegaram.

Esta pertence a esse numero. Manda quem póde, manda quem sabe, manda quem deve? Porque se não hade obedecer? Obedecer constitue a obrigação de todos.

Obedecer á lei, obedecer aos regulamentos sem o que não se poderá manter a harmonia social. Mas, argumentarão os defensores do operariado da ria: as leis e os regulamentos são susceptiveis de defeitos.

São, não ha duvida. Teem portanto de ser apontados.

Convem até que isso suceda e que cada um os faça salientar, mas com conhecimento de causa, isto é, sem aquela ignorancia que se ha visto por parte de certos criticos da obra do sr. Jaime Afreixo, indubitavelmente um dos oficiaes de marinha que mais se teem distinguido pela profundêsa dos seus conhecimentos em assuntos de pesca.

De resto, sr. Valente de Almeida, e concluindo: aqui não se fala com despreso dos nucleos que defendem a Republica. Nunca tivémos esse intuito. Todavia hade permitir que lhe digâmos que a esses nucleos não fica bem intrometerem-se nas questões que se ventilem fóra da sua esféra de acção. Isto no seu proprio interesse, para que não cáiam no ridiculo, intitulando-os aristocraticamente, como o outro, de *Ex.mo Grupo de Revolucionarios e Defensores da Republica*, a que o Marques pertence com todo o seu *modesto e diminuto valimento*...

Cada qual como quem é para o efeito que tem em vista e sem usurpação de atribuições.

Pois não acha?

---

niel Rodrigues e Antonio Rodrigues Salgado.

A todos apresentâmos nesta hora de suprêma angustia para o seu coração, sinceras condolencias, acompanhando-os tambem na dôr que os compunge.

Os aviadores

Mais de quatro mil pessoas se juntaram no sabado em toda a volta da vasta gandara da Oliveirinha, na ancia de vêrem a chegada dos aeroplanos de Lisboa, que afinal não realisaram o seu projectado e anunciado *raid* ao Porto.

De carro, de comboio, de automovel, de bicicleta, a cavalo e a pé, ao recinto escolhido para ponto de *aterrissage* não se via senão convergir gente de todos os lados, que ia tomando as melhores posições para observação das manobras. Porêm, tudo debalde, visto nenhum aviso oficial ter chegado que confirmasse a partida dos intrepidos aeronautas, cuja viagem havia sido adiada. Calcule-se a decepção, que não podia ser mais completa em face do lôgro que para muitos representou a caminhada por esses campos fóra até á Oliveirinha, sem proveito.

A não ser para os que, abancando á roda dos improvisados *restaurants*, como nos grandes arraiaes, comeram e beberam á tripa fôrra.

O Marques

—(*)—

Custou, mas apareceu. Foi dar com ele um amigo que, de bom grado, se prestou a procura-lo, indo efectivamente encontra-lo no ministerio das Finanças donde nos transmitiu logo os seus informes, dizendo-nos: *encontrei o Marques. E' um dos serventes ao serviço no gabinête e ao mesmo tempo um pobre diabo*, etc.

Está satisfeita a nossa curiosidade. A causa dos pescadores e moliceiros da ria de Aveiro, pois, acha-se bem entregue. Tomou conta dela o Marques e o Marques, servente ao serviço no gabinête do sr. Ministro das Finanças, é pessoa que nas altas esféras do poder tem a importancia suficiente para fazer valer a sua vontade.

Marques — ó Marques! — desculpa a irreverencia, mas olha: muito brutinho come o pão que Deus cria...

E ponto.

* * *

Ponto? Não. Assim com'assim deixem-nos ainda ter o gosto de inserir uma carta, ontem recebida, registada, e com aviso de recepção. Para não perder o sabor recomendâmos ao tipografo, que a componha, que lhe não altere sequer uma virgula. Diz assim:

Ex.mo S. Derector do Jornal Democrata "D'Aveiro"

Eu Ramiro Rodrigues, carteiro supra numerario n.º 210 tendo lido no seu conceituado Jornal um artigo com a epigrafe: — "Quem é o Marques"? e vendo descripto a observação por mim feita e assignada no verso da carta que lhe devolvi é que venha dirigida ao Ex.mo Snr. Marques d'Oliveira dignissimo empregado no Gabinete de S. Ex.ª o Ministro das Finanças venho perante V.ª Ex.ª e perante os Ex.mos leitores do seu conceituado jornal esclarecer a verdade.

Não se trata d'um desconhecido como, por minha culpa, afirma o jornal de V.ª Ex.ª; eu é que foi traido, porque quando o fui procurar ao Gabinete de S. Ex.ª o Ministro das Finanças proximo da porta um empregado passava e afirmou-me que o Snr. Jasé Marques d'Oliveira havia sido colocado em melhor logar para fora de Lisboa. E foi somente em virtude disso que devolvi a carta para V.ª Ex.ª mais declaro que o Snr. José Marques d'Oliveira é considerado pelos seus colegas como um funcionario modesto e trabalhador, e tem sido e é empregado no Gabinete de sua Ex.ª o Ministro das Finanças. Por tanto se V.ª Ex.ª doravante se quizer dirigir ao Ex.mo Snr. José Marques d'Oliveira por carta registada com direcção para o Gabinete de S. Ex.ª o Ministro das Finanças tenha a certeza plena de que as cartas lhe serão entregues.

E por ultimo, peço a V.ª Ex.ª a maxima atenção para a minha nota no verso da carta que lhe devolvi. Nessa nota no verso não está o que vem publicado no seu acreditado Jornal, pois essa minha assignatura é Ramiro Rodrigues C. S. 210 e não como V.ª Ex.ª publicou Rodrigues D. 260.

Sou de V. Ex.ª
Um sincero admirador
Ramiro Rodrigues
C. S. 210

Estâmos notando: o Marques e o Ramiro completam-se.

Se estivessem mais proximos recomendavamo-los ao Manuel Lavrador...

AGENDA

Do sr. Couto Martins, com escritório de advocacia e procuradoria na rua da Prata, 178—2.º, em Lisboa, recebemos uma elegante agenda-calendario para 1917, com a qual ele brinda os seus numerosos clientes.

Este importante e acreditado escritorio, fundado em 1906, é certamente aquele que melhor nome gosa, devido á solicitude, seriedade e modicidade de preços com que o seu proprietario trata de todos os assuntos que lhe são incumbidos.

Recomendamo-lo aos nossos assinantes.

Ultima hora

—(*)—

LUIZ CUNHA

No momento de entrar na maquina o jornal, sômos informados da morte subita, em Estarreja, do sr. Luiz Marques da Cunha, que ha anos aqui se tinha instalado num magnifico predio da rua Eça de Queiroz.

O extinto, que era irmão do sr. Inacio Marques da Cunha, tio do sr. Manuel Marques da Cunha e sogro do sr. Joaquim Soares, achava-se de visita a uma das suas filhas que no proximo concelho se encontra casada, quando na quarta-feira lhe sobreveio a doença fulminante á qual não poude resistir mais do que 24 horas, apezar de toda a sua robustez.

Deixa avultados meios de fortuna adquiridos nos E. U. do Brazil onde trabalhou durante bastantes anos.

A' familia enlutada o nosso cartão de pêsames.

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 19

Foi muita gente daqui á Oliveirinha, no sabado passado, para vêr descer o aeroplano. Tal *passaro* não se dignou, porêm, aparecer, retirando todo aquele povo desconsolado. O *Democrata* dirá a razão porque ele não veio, visto ter lá ouvido dizer que o sr. Arnaldo Ribeiro recebeu um telegrama sobre isso, á hora em que estava reunida aquela grande multidão.

—— O milho está por aqui a 1$60 e o trigo a 2$95 os 20 litros. E o snr. ministro do trabalho *não trabalha* para que venha milho e trigo para abastecimento dos mercados, o que tão necessario é. Disseram alguns jornaes de Lisboa que teem estado no Tejo vapores com farinha e trigo, mas ha sempre dificuldades para a descarga, e por isso aqueles dois carregamentos retiraram para outros portos! Ha sempre dificuldades que são boas para os açambarcadores. Que importa que os pobres morram de fome?

C.